

Professor: sem valorização, mas com vontade de transformação

SOUZA, Aparecida Neri de. *Sou professor, sim senhor!* Campinas:
Papirus Editora, 1996

(Coleção Magistério: Formação e Prática Pedagógica)

*Ilona Timmermans**

Através da análise de depoimentos de professores da rede pública estadual sobre suas experiências vivenciadas no cotidiano escolar, Aparecida Neri de Souza tem como intuito compreender o universo do professor enquanto profissional e refletir sobre as representações que ele faz acerca de seu próprio trabalho.

Nos depoimentos dos professores, todos da EESG “Professor Ayres de Moura”, relatando sua história profissional, percebe-se a reconstituição da história da escola, a escolha, o início da carreira, dificuldades, significado da docência, etc. Assim, no transcorrer do livro ficam claros os problemas que os professores enfrentam e continuam enfrentando com relação às condições de trabalho (baixos salários, jornadas de trabalho intensas, péssimas condições de ambiente físico, falta de material didático, etc.), à construção de uma nova sociabilidade através da politização do espaço escolar, à qualificação docente, à desvalorização e desprestígio social, às formas que devem ser usadas na luta pela conquista de seus direitos, etc.

A qualificação docente, que é a constante atualização e saber dar respostas criativas a situações colocadas pelos coletivos de jovens e crianças, é vista como necessária ao exercício da profissão. Isso, assim como a concepção que valoriza o profissional com maior tempo de permanência, mas não consegue reter os mais experientes, é paradoxal, pois a qualificação depende de boa formação e de boas condições de trabalho.

Ainda com relação à questão da formação de professores, a maioria deles diz não possuir nível superior e, além disso, reclama da dicotomia existente entre o saber e o fazer, entre teoria e prática. E quanto às condições de trabalho em que os professores são obrigados a exercer a docência, grande parte dos depoimentos expressa um sentimento de decepção. Dizem que o que os mantém no magistério é o gosto, prazer e satisfação pela profissão e a possibilidade de mudar a mentalidade dos alunos e de contribuir para a formação de novas gerações e construção de uma cidadania.

* Pedagoga pela FE – Unicamp, Professora do Colégio Participação, Holambra, SP

Através da exploração a que são submetidos e da identificação de interesses opostos, os professores descobrem-se como classe e unem-se na luta por seus direitos. Os dois movimentos que marcaram os professores da EESG “Professor Ayres de Moura”, pela força e união que houve entre eles, foram: a construção de uma nova sociabilidade no interior da escola que se deu pela eliminação das relações de poder e construção de um projeto de gestão coletiva; o outro procurou “aprender o significado das greves na construção dessa nova sociabilidade”. Foram analisadas as greves que ocorreram nos anos de 1978/1979, 1984/1989, levando-se em conta o número de dias que ficaram paralisados, o que reivindicavam, a organização da greve, o número de professores participantes e os resultados.

Embora, nem sempre atingindo seus objetivos os professores consideram que a importância das greves está no fato de que elas representaram uma aprendizagem na construção de sujeitos políticos coletivos, de identidades coletivas e de ampliação de espaços políticos.

As greves mostram uma relação conflituosa entre os professores e o Estado. Mas dentro da escola também há conflitos devido às relações de poder existentes (professores submetidos às ordens do diretor e assistente) e devido às opiniões divergentes entre antigos e novos professores. Para os antigos, por exemplo, a docência garante a sobrevivência e é portadora de prestígio social, pois o professor é um estudioso e erudito; já para os novos, a opção pela docência tem caráter subjetivo e ela não garante a sobrevivência.

No geral, o professor opta pelo magistério com garantia de sobrevivência, como animal *laborans*, e atribui à docência a possibilidade de transformação e formação cultural, como *homo faber*.

Esse estudo também mostra que a constituição da identidade do professor se dá através da união do “não político” (esfera particular) com o “político” (esfera pública), das experiências do professor tanto dentro como fora das salas de aula, do contexto histórico em que ele está inserido, etc.

As experiências de cada professor são essenciais neste estudo, já que ele tem a intenção de possibilitar a reflexão sobre a heterogeneidade dos professores, e analisar os movimentos sociais que os afetam.

Um dos problemas da falta de união dos professores em movimentos sociais, como a greve, já citada, é a falta de um espaço coletivo para reflexão, troca de experiências, estudos, etc., dentro da escola. Atualmente, por causa de jornadas de trabalho intensas e duplicação de empregos, o professor encontra-se isolado na sala de aula, praticamente não conversa com os colegas ou direção e, mais do que isso, está cansado, esgotado e estressado.

Tudo isso contribui para que, cada vez mais, o professor seja mais desvalorizado, desprestigiado e sem o *status* que teve um dia.

O livro retrata a realidade dos professores de escolas públicas brasileiras hoje, mas torna-se repetitivo ao tratar das condições de trabalho e da questão das greves, pois as analisa uma a uma. É interessante ter um contato direto com a situação dos professores a partir de seus depoimentos, apesar de ser uma pesquisa centralizada em uma única escola.

Apesar de todas as adversidades, o professor mostra-se empenhado em buscar a sua qualificação e sente prazer por poder contribuir na formação de milhares de crianças e jovens.

(...) o professor encontra no plano simbólico, a valorização de um trabalho para o qual não tem reconhecimento no nível econômico (p.68).